

1

A ESPOSA ESTÉRIL

1Samuel 1.1-8



*Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? E por que não comes?
E por que estás de coração triste? Não te sou eu melhor do que dez filhos?
(1Sm 1.8)*

Entre os tesouros do nosso mundo estão as grandes histórias que formam a identidade de todos os povos. *A Iliada* de Homero proporcionou aos antigos gregos uma base literária sobre a qual foram construídos séculos de grande cultura. No caos da Idade Média, os bretões encontraram um ideal nobre na história do rei Artur e Camelot. Mais antigo que essas duas histórias é o livro veterotestamentário de Samuel, com sua história do surgimento do rei Davi e do estabelecimento do reino de Israel.

Como literatura, Samuel é insuperável na riqueza do seu enredo, na complexidade e profundidade dos seus personagens, na intensidade da sua ação e na profundidade das suas lições. Tudo isso é ainda mais notável quando percebemos que Samuel não é um conto de ficção, mas uma narrativa histórica verdadeira. Essas pessoas viveram na nossa terra, e esses acontecimentos tiveram lugar no nosso mundo. Homero e o rei Artur nos inspiram por meio de seu mundo de fantasia cheio de heróis, donzelas e monstros. Samuel recusa-se a reconhecer inferioridade quando se trata disso. Mas a importância de Samuel está em que não apenas sua história é verdadeira, mas também porque é parte do desdobramento da história da salvação de Deus, que é a maior de todas as histórias.

Último juiz, primeiro profeta

Samuel nasceu por volta do ano 1050 a.C. “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21.25). Isso resume as condições da nação na época do nascimento de Samuel. Israel enfrentava uma crise de liderança que era acompanhada por uma crise espiritual. Tendo entrado na Terra Prometida com vitória e força, o povo de Deus tinha perdido seu caminho espiritual, política e militarmente. Juízes 2.10 explica o motivo: depois de Josué e sua geração, “outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR”.

Esquecer-se do Senhor é o maior mal que pode acontecer a uma geração. Sem o auxílio de Deus, Israel não conseguiu expulsar o restante dos cananeus e em vez disso começou a seguir seus modos pagãos e a adorar seus ídolos profanos. Como punição, Deus entregou os israelitas nas mãos dos seus inimigos, periodicamente mostrando misericórdia ao levantar juízes para libertá-los (veja Jz 2.10-23). O livro de Juízes termina com uma série de histórias que descrevem o cenário decadente no qual Samuel nasceu e cresceu, incluindo a corrupção espiritual dos levitas, a idolatria do povo e a moral escabrosa da sociedade israelita.

O nascimento de Samuel pressagiou uma nova era. Assim como Deus mais tarde prepararia Israel para o seu Messias enviando João Batista, Deus preparou o caminho para o rei, que seria “um homem que lhe agrada” (1Sm 13.14) enviando Samuel, que foi ao mesmo tempo o último juiz e o primeiro da grande linhagem de profetas que serviram durante a existência do reino de Israel. David Tsumura observa: “Samuel desempenha um papel decisivo no período de transição dos dias dos juízes para a era monárquica, levando ao estabelecimento da Casa de Davi e ao início da adoração a Yahweh em Jerusalém”.¹

A importância histórica de Samuel é evidenciada pela narrativa do seu nascimento, que dá início aos dois livros da Bíblia que levam seu nome. As Escrituras sempre têm o cuidado de nos informar sobre o nascimento e a criação das suas figuras mais importantes, e faz isso nesse caso. Assim como Moisés, Sansão, João Batista e Jesus Cristo nasceram de pais piedosos e humildes em épocas de angústia, Samuel entra na História como filho de Elcana e Ana. O livro começa: “Houve um homem de Ramataim-Zofim, da região montanhosa de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efraimita” (1Sm 1.1).

O pai de Samuel era “um homem”, dificilmente uma descrição de alguém importante. Somos informados sobre duas coisas a respeito de Elcana,

¹ David Toshio Tsumura, *The First Book of Samuel*, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 104.

começando com o lugar onde ele morava. Ramataim-Zofim era uma pequena vila no centro de Israel, pertencente ao território destinado a Efraim, não distante da sua fronteira com Judá, cerca de 8 quilômetros ao norte do que mais tarde seria a cidade de Jerusalém. Samuel colocaria Ramá, como essa vila seria chamada mais tarde, “no mapa”, tornando-a a capital virtual de Israel durante seu ministério como juiz (1Sm 8.4) e fundando ali a escola dos profetas (1Sm 19.18-20). Contudo, nem Elcana nem Samuel eram efraimitas. Eles traçaram sua linhagem através de Toú a Zufe, que era efratita,* um estrangeiro naturalizado da região de Belém, na terra de Judá. Além disso, sua família era sacerdotal, da tribo de Levi e do clã de Coate, como aprendemos em 1Crônicas 6.33-38; os coatitas eram originalmente encarregados de guardar a arca da aliança e servir como porteiros do templo (Nm 3.31). No governo de Davi, os “filhos de Coate” dedicavam-se ao ministério da música no tabernáculo. O neto de Samuel, Hemã, é chamado de “cantor” e parece ter tido o enorme privilégio de servir como diretor de música na adoração de Israel no reinado de Davi (1Cr 6.31-33). Os descendentes de Samuel estavam, provavelmente, entre os “filhos de Coré”, aos quais é atribuída a autoria de 11 salmos.

A esposa estéril de Deus

No entanto, o foco primário no nascimento de Samuel não está sobre seu pai, mas sobre sua mãe, Ana. Muitas vezes podemos traçar a fé de filhos notáveis a mães notáveis. Assim aconteceu com essa mulher, que é um dos mais memoráveis personagens femininos da Bíblia. Robert Bergen observa que “a fonte de energia espiritual nessa narrativa era uma mulher socialmente impotente [...] [que] entendeu sozinha o verdadeiro poder da fé total no Senhor”.²

Há muito a dizer sobre essa extraordinária mulher, mas nessa época havia um fato que dominava sua existência. O ventre de Ana era fechado, de modo que ela não conseguia gerar filhos para Elcana. Depois de nos dizer que Ana é esposa de Elcana, a Bíblia simplesmente registra: “Ana, porém, não os [filhos] tinha” (1Sm 1.2).

A esterilidade de Ana parece corresponder ao estado espiritual de Israel. Mulheres que sofrem essa condição geralmente perguntam-se como Deus está envolvido, mas, no caso de Ana, nós sabemos, porque o texto nos informa que o Senhor a deixou estéril (1Sm 1.5). Há muitas razões pelas quais Deus envia provações para a vida do seu povo, geralmente para estimular a fé,

* Na tradução da Bíblia usada pelo autor; a ARA traz “efraimita” (N. do T.).

² Robert D. Bergen, *1-2 Samuel*, New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1996), 63.

mas, no caso da mãe de um vulto tão importante como Samuel, a questão não tem a ver com Ana, mas com Israel. O Senhor fechou o ventre de Ana para lembrar a Israel que ele havia tornado o povo espiritualmente estéril por causa de sua idolatria e incredulidade. Israel era a esposa estéril de Deus, não tendo conseguido lhe dar os filhos de fé que ele desejava. Como nação, Israel manifestou particularmente sua esterilidade na resultante falta da liderança forte de um rei verdadeiro. Bruce Birch explica: “A situação na família de Elcana é intencionada como uma parábola da situação de Israel nesse momento histórico. A ansiedade de Ana por não ter filhos, muito embora Elcana a ame, faz um paralelo com a ansiedade de Israel por não ter um rei, apesar do cuidado e do amor de Deus”.³

O que Deus nos mostra por meio de Ana é relevante para todo cristão cuja fé parece estéril. Isso é verdadeiro para igrejas estéreis, como a igreja no Ocidente, incluindo a América, que pode ser tida hoje como produzindo muito pouco da colheita de santidade e zelo pela verdade que Deus deseja. Continuando com a história de Ana, ela modelará para nós a oração em busca de graça que precisamos fazer a Deus. Mas nesses versículos iniciais vemos outro ponto essencial. Numa época em que Israel como um todo havia se esquecido do Senhor, “este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao SENHOR dos Exércitos, em Siló. Estavam ali os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, como sacerdotes do SENHOR” (1Sm 1.3).

Silo era a localização do tabernáculo e da arca da aliança no tempo de Elcana. Eli não era um líder espiritual marcante, e seus filhos ímpios, Hofni e Fineias, escarneciam do ministério, como veremos (1Sm 2.22-25). Elcana não ia a Siló para ver Eli e seus filhos, mas para comparecer perante o Senhor e renovar sua fidelidade à aliança. Elcana fazia o que também devemos fazer: priorizava o lugar de Deus na sua vida e dava atenção ao Senhor. Por menos que Elcana conhecesse a verdadeira religião numa época como aquela, ele sabia o suficiente para ir, como pecador, buscar a graça de Deus por meio do sangue derramado de um sacrifício.

É assim que a salvação começa para uma alma estéril. Ela começa com a percepção de que devemos ir diretamente a Deus. Pecadores vão à cruz de Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, para quem apontavam os antigos sacrifícios, buscando perdão por meio do sangue expiatório e renovação por meio de sua graça redentora. Cristãos espiritualmente estéreis voltam à cruz, confessando a Deus o seu pecado e sua negligência espiritual e encontrando purificação e aceitação por meio do sacrifício definitivo de Cristo. Isto é o que Deus desejava de Israel: uma busca sincera e arrependida dele e da sua graça, para

³ Bruce C. Birch, *1 & 2 Samuel*, New Interpreter's Bible, v. 2 (Nashville: Abingdon, 1998), 973.

cujo propósito ele o tinha afligido com a esterilidade do tempo dos juízes e que ele refletiu na condição estéril da piedosa Ana. Quando vemos as lágrimas de Ana, derramadas não pelos seus próprios erros, mas pelos de Israel, devemos lamentar pelos nossos pecados e pela vida estéril que eles causam. O livramento dela do mesmo modo faz-nos lembrar do amor redentor e do poder transformador de Deus que estão disponíveis a nós.

Lágrimas no tabernáculo

No entanto, a teologia da condição estéril de Ana teria sido pouco para seu coração quando ela voltou ao tabernáculo com sua família. Era uma família disfuncional, primariamente porque Ana não era a única esposa de Elcana: “Tinha ele duas mulheres: uma se chamava Ana, e a outra, Penina; Penina tinha filhos; Ana, porém, não os tinha” (1Sm 1.2).

No Antigo Testamento, a prática da poligamia é vista muitas vezes, embora provavelmente essa não fosse a norma. O livro de Gênesis deixa claro que Deus planejou o casamento entre um homem e uma mulher (Gn 2.24), definição que é confirmada por Jesus Cristo (Mt 19.5). A poligamia de Elcana provavelmente foi provocada pela impossibilidade de Ana gerar filhos, o que ameaçava causar privação econômica e a eliminação do seu nome e da sua linhagem. Por isso, como os patriarcas Abraão e Jacó, Elcana tomou uma segunda esposa para gerar filhos, enquanto seu amor permanecia em Ana.

A divisão emocional nesse casamento corresponde aos nomes das duas esposas: Ana, cujo nome significa “graciosa”, e Penina, cujo nome significa “prolífica”. A poligamia sempre causa conflito familiar, mas muito mais certamente quando uma esposa recebe amor e a outra recebe filhos. A discórdia na casa de Elcana reflete a dissensão intertribal dentro de Israel e nos lembra da importância da família e da unidade cristã.

A angústia emocional de Ana por causa do seu ventre estéril já seria dor suficiente sem Penina para atormentá-la. Sua provação é familiar a mulheres que, hoje, sofrem por não poder gerar filhos. Ela nunca havia tido a emoção de dar ao seu marido a notícia de uma gravidez; em vez disso, conhecia a frustração mensal da infertilidade. Sempre que ia ao mercado ou socializava com outras famílias, o som da voz de crianças – o próprio som que ela mais desejava – penetrava no seu coração como uma faca. William Blaikie acrescenta que “a provação que Ana tinha de suportar era particularmente pesada [...] para uma mulher hebreia. Não ter filhos não era apenas uma frustração, mas parecia tornar a pessoa desonrada por Deus, indigna de qualquer parte ou quinhão nos meios que deviam produzir o cumprimento da promessa: ‘em